

Juventudes distópicas: a rebeldia como dispositivo de segurança em *Fahrenheit 451*

Dystopian youth: rebelliousness as security device in Fahrenheit 451

Willy Nascimento Silva

Universidade Federal da Campina Grande, Campina Grande, Paraíba, Brasil

Luciane Alves Santos

Universidade Federal da Paraíba, João Pessoa, Paraíba, Brasil

Resumo: Esse trabalho busca verificar como a rebeldia da juventude é assimilada enquanto dispositivo de segurança pelas tecnologias de poder que dão forma às sociedades representadas na ficção científica distópica. Para tanto, são discutidos os conceitos de juventude e rebeldia, destacando-se suas implicações simbólicas (ABRAMO, 1994; GROppo, 2000; PASSERINI, 1996); em seguida, são exploradas as noções de governamentalidade e dispositivo de segurança, a fim de compreender o exercício do poder na utopia (FOUCAULT, 2008; 2014; 2019); e, por fim, os argumentos desenvolvidos nas seções teóricas são recuperados por meio de uma leitura crítica de *Fahrenheit 451*, obra selecionada em função da maneira como expressa a relação entre a cultura de consumo que define as sociedades industriais avançadas e os discursos que modelam sua juventude. Os resultados dessa leitura indicam que a escola e as mídias de massa colaboram para a produção de uma juventude politicamente neutra, cuja rebeldia é administrada de modo a se tornar útil ao próprio exercício do poder.

Palavras-chave: Juventude; Rebeldia; Ficção científica distópica; Dispositivo de segurança; *Fahrenheit 451*

Abstract: This work aims to verify how youth rebelliousness is assimilated as a security device by the technologies of power that shape the societies represented in dystopian science fiction. Therefore, the concepts of youth and rebelliousness are discussed, highlighting their symbolic implications (ABRAMO, 1994; GROppo, 2000; PASSERINI, 1996); then, the notions of governmentality and security device are explored, in order to understand the exercise of power in utopia (FOUCAULT, 2008; 2014; 2019); and, finally, the arguments developed in the theoretical sections are recovered through a critical reading of *Fahrenheit 451*, selected for the way in which it expresses the relationship between the consumer culture that defines advanced industrial societies and the discourses that shape their youth. The results of this reading indicate that school and mass media contribute to the production of a politically neutral youth, whose rebelliousness is administered to become useful to the very exercise of power.

Keywords: Youth; Rebelliousness; Dystopian science fiction; Security device; *Fahrenheit 451*



1 Introdução

Embora seja comum tratar a ideia de juventude como uma questão meramente etária, limitando-a a um recorte temporal invariável no desenvolvimento biológico dos indivíduos, diferentes pesquisadores demonstram que fatores sociais, históricos e culturais são decisivos para a formulação dessa categoria (ABRAMO, 1994; BOURDIEU, 2003; GROppo, 2000). Em outros termos, a juventude pode ser compreendida como um conceito criado a partir dos discursos que circulam em determinada sociedade.

Nas sociedades industriais avançadas, esses discursos reproduzem um padrão de comportamento associado, de modo geral, à liberdade sexual, ao uso de drogas, à delinquência, ao questionamento de valores e à rebeldia. A juventude, em resumo, seria considerada um agente de transformação social devido ao potencial transgressivo que lhe é imputado.

Por outro lado, esse mesmo potencial transgressivo tem sido historicamente usado como instrumento de poder, seja para a consolidação de um projeto (como no caso da Hitler-Jugend e da Gioventù Italiana del Littorio) ou para a conservação da ordem social vigente.

Em se tratando de literatura, é comum observar esse investimento político da juventude como um motivo recorrente da ficção científica distópica. Seja submetida ao rígido processo de condicionamento do *Admirável mundo novo* (1932), de Aldous Huxley; agrupada sob a insígnia da Liga Juvenil Antissexo, em *1984* (1949), de George Orwell; ou docilizada pelo método Ludovico da *Laranja Mecânica* (1962), de Anthony Burgess, as juventudes reproduzidas nesse tipo de narrativa são alvo de manobras cujo fim último seria exatamente a manutenção e o funcionamento da utopia.

Isso também pode ser evidenciado em *Fahrenheit 451* (1953). No romance de Ray Bradbury, as mídias de massa avançaram ao ponto de se tornarem onipresentes e o ócio controlado ocupou a totalidade da vida. O pensamento foi suplantado de tal maneira que o simples ato de ler é considerado crime e bombeiros são responsáveis pela conservação da ordem, queimando livros em vez de combater incêndios. Nesse cenário, a rebeldia da juventude, em vez de ser uma expressão de resistência no campo das correlações de forças, constituiria antes um dispositivo de segurança dentro da própria economia do

poder. Os discursos que circulam na sociedade representada na obra produzem uma juventude que manifesta sua rebeldia tão somente no nível da aparência, como espetáculo, de forma fetichizada e sem perturbar a estabilidade utópica.

Diante disso, esse trabalho busca verificar como a rebeldia da juventude é assimilada enquanto dispositivo de segurança pelas tecnologias de poder que dão forma às sociedades representadas na ficção científica distópica. Para tanto, são discutidos os conceitos de juventude e rebeldia, destacando-se suas implicações simbólicas (ABRAMO, 1994; GROPPPO, 2000; PASSERINI, 1996); em seguida, são exploradas as noções de governamentalidade e dispositivo de segurança, a fim de compreender o exercício do poder na utopia (FOUCAULT, 2008; 2014; 2019); e, por fim, os argumentos desenvolvidos nas seções teóricas são recuperados por meio de uma leitura crítica de *Fahrenheit 451*, obra selecionada em função da maneira como expressa a relação entre a cultura de consumo que define as sociedades industriais avançadas e os discursos que modelam sua juventude.

2 Juventude como construção sociocultural e simbólica

Para entender o que significa juventude é necessário antes pensar outros dois conceitos: puberdade e adolescência. Enquanto a primeira é marcada por transformações físicas e biológicas, a segunda diz respeito às mudanças psicológicas por que passa o indivíduo. A juventude, por sua vez, seria caracterizada por transformações sociais, ou seja, descreveria o intervalo entre as funções sociais da infância e da maturidade (GROPPPO, 2000). Normalmente esses três conceitos se confundem, criando uma amálgama homogeneizante dos fenômenos envolvidos: o adolescente. A juventude, a adolescência e a puberdade seriam, pois, resumidas a uma questão etária, a uma etapa da vida com características específicas e invariáveis.

Essa abordagem, contudo, vem sendo criticada em favor de uma visão da juventude não como fase do desenvolvimento humano, mas como uma “[...] concepção, representação ou criação simbólica, fabricada pelos grupos sociais e pelos próprios indivíduos tidos como jovens, para significar uma série de comportamentos e atitudes a ela atribuídos” (GROPPPO, 2000, p. 8). Assim sendo, a juventude constituiria uma variante em função de outras categorias, como etnia, gênero, classe social, contexto

histórico, nacionalidade etc. Cada recorte sociocultural, portanto, apresentando “[...] subcategorias de indivíduos jovens, com características, símbolos, comportamentos, subculturas e sentimentos próprios” (GROPPO, 2000, p. 15). Nesse sentido, apesar de haver um esforço em uniformizar as juventudes sob um padrão ideal (urbano, ocidental, branco, masculino), a própria noção de juventude é socialmente variável, ou seja, os processos que a definem “[...] modificam-se de sociedade para sociedade e, na mesma sociedade, ao longo do tempo e através das suas divisões internas” (ABRAMO, 1994, p. 1).

Diante disso, é possível afirmar que o jovem seria uma construção histórico-social da modernidade, produzida pelo avanço do capitalismo em conjunto com a modernização da educação (CAVALCANTE, 1987). Ariès afirma, por exemplo, que nas sociedades medievais a relação entre infância e mundo adulto não era mediada por uma categoria intermediária como a adolescência. Segundo o autor, a infância estava ligada à ideia de dependência. “Só se saía da infância ao se sair da dependência, ou, ao menos, dos graus mais baixos da dependência” (ARIÈS, 1986, p. 42). O indivíduo se tornava adulto ao entrar no mundo do trabalho. Isso, entretanto, muda com a modernização da educação – transferida do âmbito familiar para a escola – e a organização econômica capitalista.

A acentuada divisão do trabalho e a especialização econômica, a segregação da família das outras esferas institucionais e o aprofundamento das orientações universalistas agudizam a descontinuidade entre o mundo das crianças e o mundo adulto, implicando um tempo longo de preparação que, comparado ao das sociedades primitivas, é menos institucionalizado e com papéis menos definidos (ABRAMO, 1994, p. 3).

A juventude, dessa maneira, representaria um estágio de suspensão que antecede a entrada na vida social plena, uma “condição de relatividade” (ABRAMO, 1994, p. 11). Ela estaria à margem dos processos decisórios e submetida à ordem social vigente; que por sua vez define a função dos jovens na sociedade (CAVALCANTE, 1987). Trata-se, enfim, de determinar as regras para o jogo de forças em que a juventude está implicada.

Segundo Bourdieu, “[a] representação ideológica da divisão entre jovens e velhos concede aos mais jovens coisas que fazem com que em contrapartida estes deixem uma grande quantidade de coisas aos mais velhos”, produzindo, assim, um campo limitado de atuação para o jovem (BOURDIEU, 2003, p. 151-52). Isso explicaria o argumento de que a juventude em si “[...] não consegue fabricar algo de novo, a não ser que receba um apelo

por parte dos adultos” (CAVALCANTE, 1987, p. 13). Ou seja, a despeito da ideia de juventude como agente de transformação, ela seria “[...] incapaz de inovar independentemente das solicitações e/ou impedimentos externos e provenientes do mundo adulto” (CAVALCANTE, 1987, p. 13).

A noção de juventude então se consolida tanto a partir do que lhe é projetado de fora para dentro (ou seja, do mundo adulto para os grupos jovens), quanto internamente, por meio de linguagens, símbolos, rituais que visam marcar uma identidade distintiva (ABRAMO, 1994). Trata-se de um paradigma sociocultural e simbólico, significante enquanto (re)produtor de subjetividades ao passo que é significado pelos discursos que circulam na sociedade.

De modo geral, a juventude estaria relacionada à reivindicação do prazer e da independência, “[...] da qual redundam graves conflitos com pais, professores e policiais, e que, muitas vezes, geram posturas de violência ‘descontrolada’ e ‘sem direção’” (ABRAMO, 1994, p. 34). Essa atitude, contudo, não seria exclusiva dos grupos jovens, considerando que estaria na base do pensamento individualista subjacente às sociedades modernas e, portanto, disponível para todos os seus membros. “Assim, a liberdade e a autonomia presentes na contestação e na rebeldia atribuídas ao adolescente podem ser idealizadas e preservadas nesse momento mítico que deverá ser abandonado em prol da vida adulta” (BERTOL; SOUZA, 2010, p. 826). Em outros termos, a juventude representaria um estágio de mitigação das forças de transgressão reprimidas na maturidade; isso explicaria, por exemplo, o incômodo que ela causa: ao buscar sempre transgredir, ela “[...] expõe nossa violência recalçada” (MARIN, 2003, p. 98).

Assim sendo, o jovem enquanto objeto simbólico traduz “[...] o concentrado das angústias da sociedade – do desemprego ao sentido de inutilidade da vida – mas torna-se também o modelo do futuro, portanto, ameaça e esperança” (PASSERINI, 1996, p. 351). Se por um lado os discursos produzidos a partir da luta entre jovens e velhos promovem uma noção de juventude como agente de transformação social (e, sob essa perspectiva, ser jovem significaria estar disposto a confrontar a ordem estabelecida), por outro, isso não significa que os jovens estejam sempre comprometidos com o progresso. “A juventude não é conservadora nem progressista por natureza, mas uma potencialidade pronta para qualquer novo começo” [Youth is neither progressive nor conservative by nature, but is a potentiality which is ready for any new start] (MANNHEIM, 2010, p. 35,

tradução nossa). Ela seria ao mesmo tempo um desafio e uma oportunidade ao exercício do poder.

Como argumenta Cavalcante, “[...] à juventude é atribuída uma força de renovação de valores, cabendo aos adultos a criação de estratégias que amenizem esse conflito, podendo ser violentadas ou dissimuladas” (CAVALCANTE, 1987, p. 14). Dentre essas estratégias, estaria por exemplo a maneira como o potencial transgressivo da juventude é incorporado à produção de signos que define a lógica econômica das sociedades industriais avançadas. A rebeldia, nesse caso, assume uma forma fetichizada, ela “[...] se enquadra no processo de diferenciação/personalização da própria essência do consumo” (VINICIUS, 2014, p. 133).

O próprio termo *teenager*, usado para se referir aos jovens entre 13 e 19 anos aproximadamente, sempre foi “[...] um termo de marketing usado por publicitários e fabricantes que refletia o poder de consumo recentemente visível dos adolescentes” (SAVAGE, 2009, p. 11). Dessa maneira, o esforço empreendido para agrupar os indivíduos sob a categoria juventude pode ser entendido como uma estratégia para a delimitação de um segmento de mercado, dado que “[...] cada grupo impõe facilmente a seus membros uma conformidade de consumo bastante definida” (CALLIGARIS, 2000, p. 58).

Sob essa perspectiva, o aspecto vivido da rebeldia da juventude “[...] é percebido como liberdade, e o aspecto estrutural escapa aos indivíduos, sem que estes tomem consciência de que são constrangidos por códigos e regras de significação” (VINICIUS, 2014, p. 133). Ela seria politicamente neutralizada desde a formulação da juventude como categoria social.

Diante disso, as tecnologias de poder reproduzem “[...] um modelo de jovem internacionalmente conhecido como apático, alienado, drogado, apolítico, desinformado, maluco, descontraído e moderno” (CAVALCANTE, 1987, p. 23). Esse seria o modelo de jovem que é frequentemente retratado na ficção científica distópica do século XX. No caso específico de *Fahrenheit 451*, a juventude representada na obra seria uma extrapolação da juventude americana dos anos 1950, a juventude *rebel without a cause*, com suas gangues e carros velozes. Essa juventude expressa uma rebeldia que, em última análise, funciona dentro da economia do poder como um dispositivo de segurança.

3 Dispositivos de segurança e a normalização do desvio

Conforme explica Foucault, ao passo que os dispositivos disciplinares teriam um caráter essencialmente impeditivo, julgando negativo os aspectos que censuram, os dispositivos de segurança operam no sentido de organizar tais aspectos sem lhes atribuir valor, assimilando-os em processos necessários, inevitáveis (ou, em última instância, “naturais”) e, ao mesmo tempo, pertinentes ao funcionamento da sociedade. Dessa maneira, enquanto a disciplina estabelece “procedimentos de adestramento progressivo e de controle permanente” em função de um modelo por ela definido e, a partir daí, executa seu procedimento de uniformização (FOUCAULT, 2008, p. 75), a segurança identifica o normal e o anormal, estabelece diferentes “curvas de normalidade” e procura fazer com que essas curvas funcionem sistematicamente umas em função das outras, de modo que “[...] as mais desfavoráveis sejam trazidas às que são mais favoráveis” (FOUCAULT, 2008, p. 83).

A instituição de dispositivos de segurança seria uma estratégia básica dentro daquilo que Foucault chama de governamentalidade. Para o autor, “[...] o problema dos que governam não deve ser absolutamente o de saber como eles podem dizer não, até onde podem dizer não, com que legitimidade eles podem dizer não; o problema é o de saber como dizer sim” (FOUCAULT, 2008, p. 96). Governamentalidade, então, seria a capacidade de administrar, por meio desses dispositivos, os fenômenos (econômicos, políticos) que atravessam a sociedade e que lhe são intrínsecos, enquadrando-os de modo “[...] que eles não se desviem ou que uma intervenção desastrada, arbitrária, cega, não os faça desviar” (FOUCAULT, 2008, p. 474).

Assim sendo, os dispositivos de segurança, diferentemente dos dispositivos disciplinares, não tendem a “[...] repercutir da maneira mais homogênea e mais contínua, mais exaustiva possível, a vontade de um sobre os outros. Trata-se de fazer surgir certo nível em que a ação dos que governam é necessária e suficiente” (FOUCAULT, 2008, p. 86). Em outras palavras, esses dispositivos garantem certo desvio da norma que, em vez de se impor como resistência, teria uma utilidade própria ao exercício do poder.

Tome-se como exemplo o caso da delinquência nas grandes cidades. Como Foucault argumenta, os delinquentes “[...] se atiram fatalmente a uma criminalidade localizada, sem poder de atração, politicamente sem perigo e economicamente sem

consequência. Mas essa ilegalidade concentrada, controlada e desarmada é diretamente útil” (FOUCAULT, 2014, p. 273). A delinquência teria, pois, uma utilidade econômica e política. Por um lado, ela revela certa “margem de ilegalismo” não custosa e aceitável.

Na América, sabe-se que o assalto é um risco permanente corrido pelas grandes lojas. Calcula-se aproximadamente quanto ele custa e percebe-se que o custo de uma vigilância e de uma proteção eficazes será muito alto, e portanto não rentável. Deixa-se, então, roubar. O seguro cobre (FOUCAULT, 2019, p. 220-21).

Por outro lado, sua existência justificaria a presença “espectral” – para usar a expressão de Benjamin (2013) – da polícia na civilização. Isto é, ela só seria tolerável em função desse perigo que a delinquência representa. “Aceitamos entre nós esta gente de uniforme, armada, enquanto nós não temos esse direito, que nos pede documentos, que vem rondar nossas portas. Como isso seria aceitável se não houvesse os delinquentes?” (FOUCAULT, 2019, p. 225).

Nesse sentido, a rebeldia da juventude das sociedades industriais também teria uma utilidade própria. Para Debord, por exemplo, o espetáculo teria criado falsos modelos de revolução. O autor defende que à “[...] aceitação dócil do que existe pode juntar-se a revolta puramente espetacular”. Isso implica considerar que a própria “insatisfação” constitui uma mercadoria (DEBORD, 1997, p. 39-40).

A rebeldia da juventude estaria, em suma, integrada à própria “ideologia” das sociedades industriais. Em outros termos, na medida em que deixa de ser uma “codificação estratégica” dos pontos de resistência em que se assentam as lutas entre jovens e velhos, a rebeldia passa a ser compreendida como um fenômeno “natural” que, em vez de censurado, deve ser administrado a fim de facilitar o exercício do poder.

4 A rebeldia como dispositivo de segurança em *Fahrenheit 451*

De modo geral, os discursos que circulam na sociedade representada em *Fahrenheit 451* produzem uma juventude que manifesta seus impulsos em um nível meramente espetacular e que, em último caso, pode ser considerada uma extrapolação da juventude “[...] típica do século XX, a juventude ‘rebelde-sem-causa’, radical ou delinquente” (GROPPO, 2000, p. 16).

Segundo Passerini, a subcultura formada pelos jovens americanos dos anos 1950 incluía, dentre outras coisas, o “[...] rock and roll, o uso de carros cujo motor fora envenenado e a carroceria modificada de modo a personalizá-la, o corte de cabelo à Presley ou os cabelos longos, a roupa retomando estilos afro-americanos, as gangues” (PASSERINI, 1996, p. 361). Na caracterização feita pela autora, chama atenção a relação dessa subcultura com um dos símbolos das sociedades industriais: o automóvel. Em *Fahrenheit 451*, esse seria inclusive um dos elementos de ligação entre a juventude distópica de Bradbury e aquela que a inspirou.

Deixam a gente tão atormentada ao final do dia que não podemos fazer nada além de ir para a cama ou a um parque de diversões para importunar os outros, quebrar vidros no estande do Quebra-Vidraças ou destruir carros com a grande bola de aço no estande do Demolidor. Ou então sair de carro e apostar corrida, brincando de tirar um fino dos postes, competindo para ver quem “pede arrego” e brincando de “bate-calota” (BRADBURY, 2020, p. 41).

Os carros velozes funcionariam como um instrumento de exteriorização da agressividade e violência juvenil. É um desses carros, por exemplo, que quase atropela Montag durante sua fuga da civilização (e com ele a consecução do desmantelamento da ordem planejado pelo bombeiro).

Um carro cheio de crianças, de várias idades. Crianças, entre os doze e os dezesseis anos, talvez, assobiando, gritando, aplaudindo, avistaram um homem, uma visão extraordinária, um homem passeando, uma raridade, e disseram: “Vamos pegá-lo!”. Sem saber que ele era o fugitivo sr. Montag. Apenas um punhado de crianças saindo para uma longa noite de oitocentos ou mil quilômetros de algazarra em algumas poucas horas enluaradas, a face gelada com o vento e voltando ou não para casa na alvorada, vivas ou não, nisso estava a aventura (BRADBURY, 2020, p. 144).

Montag esperava ser pego por homens da lei, em suas viaturas, o Sabujo Mecânico agarrando-o. Entretanto, a violência da gangue de jovens é tão representativa dos discursos que operam no nível profundo da ordem social quanto o corpo de bombeiros do qual o protagonista fazia parte; esses com seus lança-chamas, aqueles com seus carros velozes e sua violência despropositada (e estimulada pelas mídias de massa)¹ – “Elas

¹ Nesse ponto, a obra sugere que até mesmo a violência do aparelho policial seria um reflexo da violência espetacularizada pela juventude. Algo semelhante ao que acontece em *Laranja Mecânica*, de Burgess, quando Alex reencontra Tosko, um antigo membro de sua gangue: “[...] era agora um miliquinha [policia] com uniforme e shlemi [capacete] e chicote para manter a ordem” (BURGESS, 2014, p. 148).

teriam me matado, pensou Montag, titubeando no ar ainda convulsionado que o envolvia em poeira, roçando-lhe o rosto esfolado. Sem motivo algum, elas teriam me matado” (BRADBURY, 2020, p. 144).

Isso retoma, de certa maneira, o argumento de que a juventude constituiria o prisma refrator das pulsões de toda a sociedade, reprimidas e dissimuladas na vida adulta e idealizadas nesse “momento mítico” (BERTOL; SOUZA, 2010). No romance, essa lógica é claramente manifestada em termos de equivalência dos papéis sociais desempenhados por jovens e adultos. “Os que não constroem precisam queimar. Isso é tão antigo quanto a história e os delinquentes juvenis. [...] Há um pouco disso em todos nós” (BRADBURY, 2020, p. 104). “Isso” que há em todos pode ser interpretado como a agressividade do impulso transgressor característico da sociedade individualista e que, no entanto, ameaça sua existência. Dessa maneira, a rebeldia, atribuída exclusivamente aos jovens pelos discursos que o poder faz circular, constituiria um elemento estabilizador, manifestando-se através de signos e, portanto, confundindo-se com o consumo da rebeldia. Em suma, ela assumiria uma forma fetichizada (VINICIUS, 2014).

Em *Fahrenheit 451*, a juventude seria estimulada pelo espetáculo dos telões, da incineração pública de livros, dos esportes e dos parques de diversão. Esse espetáculo promoveria a progressiva reificação dos indivíduos da qual o Sabujo Mecânico é uma metáfora perfeita: “Ele não gosta nem desgosta. Apenas ‘funciona’. É como um exercício de balística. Ele tem uma trajetória definida por nós. Ele executa. Segue a pista, faz a mira e dispara. É só fio de cobre, baterias recarregáveis e corrente elétrica” (BRADBURY, 2020, p. 38).

A juventude representada na obra de Bradbury constituiria, portanto, objeto de estratégias cuja finalidade seria a manutenção e a perpetuação dessa sociedade. Para tanto, a escola, transformada num “cosmo em si mesmo” (PASSERINI, 1996, p. 354), desempenha um papel fundamental.

Uma hora de aula pela tevê, uma hora jogando basquete ou beisebol ou correndo, outra hora transcrevendo história ou pintando quadros e mais esportes, mas, sabe, nunca fazemos perguntas; pelo menos a maioria não faz; eles apenas passam as respostas para você, pim, pim, pim, e nós, sentados ali, assistindo a mais quatro horas de filmes educativos (BRADBURY, 2020, p. 41).

A juventude de *Fahrenheit 451*, nesse sentido, retoma em larga medida a figura do *teenager* americano que emergia nos anos 1950, associada à vida urbana – “[...] com os clubes, as atividades esportivas, as sororities e fraternities, os bailes, as festas e outras atividades extracurriculares e lugares acessórios, como a drugstore, o automóvel, o bar para jovens” – e cujo habitat natural era a escola (PASSERINI, 1996, p. 354).

Considerando que os jovens ainda não têm seu quadro de referências formado (GROPPO, 2000), torna-se evidente a atenção dedicada pela sociedade ao processo formativo da juventude. Na utopia bradburiana, até mesmo a família é considerada um fator de risco para a formação promovida pela escola.

Hereditariedade e ambiente são coisas engraçadas. Você não pode se livrar de todos os patinhos feios em poucos anos. O ambiente familiar pode desfazer muito do que a gente tenta fazer na escola. É por isso que temos reduzido a idade mínima para admissão no jardim de infância, ano após ano, até que agora praticamente estamos apanhando as crianças no berço (BRADBURY, 2020, p. 72).

O Estado substitui a autoridade familiar cuidando cada vez mais cedo da formação dos indivíduos: “Sabemos como podar a maioria deles quando ainda são brotos, no começo” (BRADBURY, 2020, p. 73). Na obra, a cisão entre o ambiente familiar e a escola, decorrente da modernização da educação, é progressivamente ampliada: “Meus filhos ficam na escola nove dias seguidos e depois eles têm um dia de folga. Eu os aguento em casa três dias por mês” (BRADBURY, 2020, p. 111), relata a sra. Bowles.

Entretanto, não é somente por meio do planejamento da educação que essa sociedade regula a formação da sua juventude. O reduzido campo de influência da família é ainda suplantado por uma cultura de massas onipresente, representada, sobretudo, pelos *telões* ostentados nas salas de todas as casas. “A gente põe as crianças no ‘salão’ e liga o interruptor. É como lavar roupa: é só enfiar as roupas sujas na máquina e fechar a tampa” (BRADBURY, 2020, p. 111).

A escola e indústria cultural, portanto, colaboram para a sustentação dos valores defendidos pela sociedade de consumo. Tais valores são reiteradamente reproduzidos pelos discursos que circulam nessa sociedade, repercutindo inclusive na formulação dos currículos escolares, voltados para uma formação mais técnica do que humana, como explica Beatty:

A escolaridade é abreviada, a disciplina relaxada, as filosofias, as histórias e as línguas são abolidas, gramática e ortografia pouco a pouco negligenciadas, e, por fim, quase totalmente ignoradas. A vida é imediata, o emprego é que conta, o prazer está por toda parte depois do trabalho. Por que aprender alguma coisa além de apertar botões, acionar interruptores, ajustar parafusos e porcas? (BRADBURY, 2020, p. 67-68).

No romance de Bradbury, a formação escolar buscaria preparar os jovens para a vida imediata da sociedade de consumo, avessa ao conhecimento e ao pensamento crítico. Isso, evidentemente, não deixa de ter relação com a ideia de que a escola seria um “rito de iniciação” à sociedade de consumo (ILLICH, 2018).

Com a escola formando mais corredores, saltadores, fundistas, remendadores, agarradores, detetives, aviadores e nadadores em lugar de examinadores, críticos, conhecedores e criadores imaginativos, a palavra ‘intelectual’, é claro, tornou-se o palavrão que merecia ser (BRADBURY, 2020, p. 70).

O comentário de Beatty não apenas demonstra como os jovens seriam induzidos a evitar a imagem de “primeiro da classe” (PASSERINI, 1996), como também revela um aspecto importante sobre o exercício do poder em *Fahrenheit 451*: trata-se de nivelar os indivíduos por baixo. Isso evidencia o caráter homogeneizante em que se fundamenta o discurso utópico. “Todos devemos ser iguais. Nem todos nasceram livres e iguais, como diz a Constituição, mas todos se *fizeram* iguais. Cada homem é a imagem de seu semelhante e, com isso, todos ficam contentes, pois não há nenhuma montanha que os diminua, contra a qual se avaliar” (BRADBURY, 2020, p. 70, ênfase do autor), conclui o chefe dos bombeiros.

Nesse sentido, a rebeldia da juventude de *Fahrenheit 451*, uma vez que se manifesta tão somente no nível da aparência, como uma forma de os jovens se reconhecerem exatamente em oposição àquilo que o poder utópico quer que se oponham, estaria esvaziada de seu potencial transgressor. Em termos gerais, ela seria um exemplo daquilo que Foucault chama de dispositivo de segurança, ou seja, seria uma maneira de administrar os impulsos individuais de modo a torná-los úteis ao próprio exercício do poder (FOUCAULT, 2008).

Clarisse McClellan, por outro lado, parece expressar um tipo diferente de rebeldia. A jovem de dezesseis anos apresenta uma postura herética em relação à ordem social estabelecida; e isso se dá justamente na medida em que a garota escapa da ação da escola e das mídias de massa: “Eu raramente assisto aos ‘telões’, nem vou a corridas ou parques

de diversão. Acho que é por isso que tenho tempo de sobra para ideias malucas” (BRADBURY, 2020, p. 21). Questionada por Montag sobre o fato de não estar na escola ela responde: “– Ah, eles não sentem a minha falta – disse ela. – Dizem que sou antissocial. Não me misturo. É tão estranho. Na verdade, eu sou muito social. Tudo depende do que você entende por social, não é? Social para mim significa conversar com você sobre coisas como esta” (BRADBURY, 2020, p. 41).

Em função disso, Clarisse passa a ocupar um espaço marginal, visto que não corresponde ao padrão da juventude de *Fahrenheit 451*. Seu comportamento seria motivo de perturbação da ordem, sendo considerado um tipo de desajuste mental²: “Preciso ver meu psiquiatra agora. Sou *obrigada* a ir. Eu invento coisas para dizer. Não sei o que ele pensa de mim. Ele diz que sou uma cebola normal! Dou muito trabalho para ele ficar descascando as camadas” (BRADBURY, 2020, p. 34, ênfase do autor).

A principal preocupação, nesse caso, consistiria em racionalizar o tempo dos indivíduos. Entre o mundo do trabalho (dos adultos) e a escola (dos jovens) só deve haver tempo para os *telões*, os esportes e as diversões superficiais. “Eles querem saber o que eu faço com meu tempo. Eu digo a eles que às vezes apenas me sento e *penso*. Mas não lhes digo em quê. Eles que descubram” (BRADBURY, 2020, p. 35, ênfase do autor).

A rebeldia de Clarisse seria uma rebeldia silenciosa, porém efetiva – tal como a da sociedade dos homens-livros que descobrimos no final da narrativa. Ela apenas se senta e pensa, e isso representa uma ameaça à sociedade utópica, como Montag chama atenção: “[...] homens como Beatty sentem medo dela” (BRADBURY, 2020, p. 79). Ela seria temida por não se submeter ao princípio massificador que orienta a formulação de uma categoria social como a juventude, comprometendo, assim, o ideal homogeneizante do discurso utópico subjacente à narrativa hegemônica de *Fahrenheit 451*.

5 Considerações finais

Em resumo, a disposição dos indivíduos em categorias sociais como a juventude ou a velhice estaria mais relacionada à atribuição de papéis sociais definidos do que

² Essa seria uma característica comum na obra de Bradbury como um todo. No conto “Pilar de fogo”, por exemplo, William Lantry deve fugir dos psiquiatras por mentir num mundo em que ninguém mais mente. Em “Os homens da terra” (originalmente publicado na *Thrilling Wonder Stories*, em 1948), tripulantes de uma expedição a Marte são presos em um tipo de hospício marciano por se declararem terráqueos.

exatamente a uma questão etária. No romance de Bradbury, isso pode ser evidenciado pela relativização da fronteira jovem-adulto, simbolizada, sobretudo, pela contraposição expressada entre Clarisse – “Às vezes eu sou muito velha. Tenho medo de crianças da minha idade. Elas se matam entre si” (BRADBURY, 2020, p. 42) – e Mildred – “Ela falava disso e daquilo e eram apenas palavras, como as palavras que ele ouvira certa vez num quarto de criança na casa de um amigo, uma criança de dois anos formando palavras, balbuciando, inventando belas sonoridades” (BRADBURY, 2020, p. 53).

A infantilização de Mildred, sugerida no fragmento acima, seria resultante de uma prática social fundamentada na idealização da juventude como modelo para todos os membros da utopia. A juventude, nesse sentido, “[...] diz respeito a um modo de existência, e a um modo de ser, ela existe como fenômeno cultural” (VINICIUS, 2014, p. 124).

Enquanto formação cultural, a juventude estaria submetida a inúmeras estratégias de poder; uma vez que a categoria comumente é associada a uma noção de mudança, de transformação. Nesse sentido, “[...] não é o simples fato de ser jovem que interessa, mas o de verificar no mesmo um comportamento político contestatório” (CAVALCANTE, 1987, p. 19). Em *Fahrenheit 451*, por exemplo, o impulso transgressor de Montag, acompanhado a distância por Faber, é percebido como uma força rejuvenescedora pelo professor: “Tenho de admitir que sua raiva cega me revigorou. Meu Deus, como me senti jovem!” (BRADBURY, 2020, p. 118).

Em contrapartida, na sociedade de consumo, tal como retratada na obra de Bradbury, marcada pela uniformização dos indivíduos, pela racionalização do tempo e pela onipresença das mídias de massa, a rebeldia da juventude se manifesta apenas no nível da aparência. Ou seja, a revolta existe meramente “[...] como consumo, como espetáculo, integrada como produção de signos. Ela existe na forma-signo, que seria uma forma fetichizada” (VINICIUS, 2014, p. 134-35). A rebeldia atribuída à juventude, portanto, é concebida unicamente como expressão dos impulsos característicos do individualismo das sociedades modernas e, contudo, reprimidos e abandonados na vida adulta (BERTOL; SOUZA, 2010).

É possível concluir, então, que a juventude deve ser pensada como uma categoria social formulada a partir dos signos a ela atribuídos, como um conceito formado pelos discursos que o poder faz circular. No caso das sociedades representadas na ficção

científica distópica, empregam-se estratégias que de modo geral objetivam massificar os indivíduos agrupados sob essa categoria. Em *Fahrenheit 451*, especificamente, a escola e as mídias de massa colaboram para a produção de uma juventude politicamente neutra e cuja rebeldia pode ser compreendida como um dispositivo de segurança, isto é, em vez de constituir uma forma de resistência, ela seria administrada de modo a se tornar útil ao próprio exercício do poder.

Contribuição

Willy Nascimento Silva: Conceptualização, Escrita – rascunho original, Escrita – análise e edição; **Luciane Alves Santos:** Conceptualização; Escrita – análise e edição.

Referências

ABRAMO, Helena W. **Cenas juvenis:** punks e darks no espetáculo urbano. São Paulo: Scritta; Anpocs, 1994.

ARIÈS, Philippe. **História social da criança e da família.** Tradução de Dora Flaksman. 2.ed. Rio de Janeiro: Guanabara, 1986.

BENJAMIN, Walter. Para a crítica da violência. In: BENJAMIN, Walter. **Escritos sobre mito e linguagem.** Tradução de Susana Kampff Lages e Ernani Chaves. 2.ed. São Paulo: Duas Cidades; Editora 34, 2013, p. 121-56.

BERTOL, Carolina Esmanhoto; SOUZA, Mériti de. Transgressões e adolescência: individualismo, autonomia e representações identitárias. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 30, n. 4, p. 824-839, 2010. DOI: <https://doi.org/10.1590/S1414-98932010000400012>.

BOURDIEU, Pierre. A “juventude” é só uma palavra. In: BOURDIEU, Pierre. **Questões de sociologia.** Tradução de Miguel Serras Pereira. Lisboa: Fim de Século, 2003, p. 151-62.

BRADBURY, Ray. **Fahrenheit 451:** a temperatura em que o papel do livro pega fogo e queima. Tradução de Cid Knipel. 4.ed. Rio de Janeiro: Biblioteca Azul, 2020.

BURGESS, Anthony. **Laranja mecânica.** Tradução de Fábio Fernandes. 2.ed. São Paulo: Aleph, 2014.

CALLIGARIS, Contardo. **A adolescência.** São Paulo, Publifolha, 2000.
CAVALCANTE, Maria Juraci Maia. O mito da rebeldia da juventude: uma abordagem sociológica. **Revista Educação em Debate**, v. 10, n. 13, p. 11-23, 1987. Disponível em <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/14043>.

DEBORD, Guy. **A sociedade do espetáculo**. Tradução de Estela dos Santos Abreu. Rio de Janeiro: Contraponto, 1997.

FOUCAULT, Michel. **Segurança, território, população**. Tradução de Eduardo Brandão. São Paulo: Martins Fontes, 2008.

FOUCAULT, Michel. Sobre a prisão. Tradução de Marcelo Marques Damião. *In*: FOUCAULT, Michel. **Microfísica do poder**. 10.ed. Rio de Janeiro; São Paulo: Paz e Terra, 2019, p. 213-33.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. Tradução de Raquel Ramalhete. 42.ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

GROPPO, Luís Antonio. A juventude como categoria social. *In*: GROppo, Luís Antonio. **Juventude**: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas. Rio de Janeiro: DIFEL, 2000, p. 7-27.

ILLICH, Ivan. A ritualização do progresso. *In*: ILLICH, Ivan. **Sociedade sem escolas**. Tradução de Lúcia Mathilde Endlich Orth. 9.ed. Petrópolis: Vozes, 2018, p. 50-70.

MANNHEIM, Karl. The problem of Youth in modern society. *In*: MANNHEIM, Karl. **Diagnosis of our time**: wartime essays of a sociologist. Abingdon: Routledge, 2010, p. 31-53.

MARIN, Isabel da Silva Kahn. Violência e transgressão: interrogando a adolescência. **Revista Latinoamericana de Psicopatologia Fundamental**, v. 6, n. 3, p. 94-109, 2003. DOI: <https://doi.org/10.1590/1415-47142003003007>.

PASSERINI, Luisa. A juventude, metáfora da mudança social. Dois debates sobre os jovens: a Itália fascista e os Estados Unidos da década de 1950. *In*: LEVI, Giovanni; SCHMITT, Jean-Claude (Orgs). **História dos jovens 2**: a época contemporânea. São Paulo: Companhia das Letras, 1996, p. 319-82.

SAVAGE, Jon. Introdução. *In*: SAVAGE, Jon. **A criação da juventude**: como o conceito de teenage revolucionou o século XX. Tradução de Talita M. Rodrigues. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 11-16.

VINICIUS, Leo. Rebeldia juvenil e consumo rebelde. *In*: VINICIUS, Leo. **Antes de junho**: rebeldia, poder e fazer da juventude autonomista. Florianópolis: Em Debate/UFSC, 2014, p. 119-62.

Recebido em: 13 de abril de 2022

Aceito em: 20 de julho de 2022

Publicado em agosto de 2022

Willy Nascimento Silva
E-mail: willy.cbh@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-5744-5527>

Luciane Alves Santos
E-mail: luciane.ufpb@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-2353-4510>